



Aliança Francesa de Salvador

Minicurso “Introdução à Filosofia de Albert Camus”

3ª Encontro: A Literatura, A Tragédia e o Papel do Artista [28/05/24]

Prof. Esp. Flávio Rocha de Deus (UFBA)

CAMUS, Albert. **Citações Selecionadas**

1. **A esperança do Mundo (Cadernos 1935-1937)** / Trad. Raphael Araújo e Samara Geske

[1] “Outros são motivados a escrever por tentações distintas. E cada decepção de suas vidas compõe uma obra de arte, mentira tecida com as mentiras de suas vidas. Mas quanto a mim, é das minhas alegrias que sairão os meus escritos. Mesmo no que eles terão de mais cruel. Eu preciso escrever do mesmo modo que preciso nadar, porque meu corpo exige.” **[Maio de 1936, p. 33]**

[2] “As filosofias valem o que valem os filósofos. Quanto mais o homem é grande, mais a filosofia é verdadeira” **[Junho de 1937, p. 41]**

[3] O que eu quero dizer: Que se pode ter - sem romantismo - a nostalgia de uma pobreza perdida. Uma certa soma de anos miseravelmente vividos basta para construir uma sensibilidade [...] Dai vem, para quem percebe isso, um reconhecimento e,

portanto, um peso na consciência. Daí vem ainda, e por comparação, se o meio é outro, o sentimento das riquezas perdidas. Para as pessoas ricas, o céu, dado por acréscimo, parece um dom natural. Para as pessoas pobres, seu caráter de graça infinita lhe é restituído.

A um peso de consciência, uma confissão necessária. A obra é uma confissão, tenho que prestar testemunho. Eu só tenho uma coisa a dizer, pensando bem. É nessa vida de pobreza, entre as pessoas humildes ou presunçosas, que eu realmente toquei o que me parece ser o verdadeiro sentido da vida. As obras de arte nunca bastaram. A arte não é tudo para mim. Que ao menos ela seja um meio. **[Maio de 1935, p. 10].**

[4] “Só se pensa por imagens. Se você quiser ser filósofo, escreva romances”. **[Janeiro de 1936, p. 16].**

2. A homem revoltado (1951) / Trad. Valerie Rumjanek

[1] “A arte é também esse movimento que exalta e nega ao mesmo tempo. “Nenhum artista tolera o real”, diz Nietzsche. É verdade, mas nenhum artista pode prescindir do real. A criação é exigência de unidade e recusa do mundo. Mas ele recusa do mundo por causa daquilo que falta a ele e em nome daquilo que, às vezes, ele é.

[...] Em toda revolta se descobre a exigência metafísica da unidade, a impossibilidade de apoderar-se dela e a fabricação de um universo de substituição. A revolta, de tal ponto de vista, é fabricante de universos. Isto também define a arte. [...] Nestes mundos fechados, o homem pode afinal reinar e conhecer.

[...] O lamento admirável de Van Gogh é o grito orgulhoso e desesperado de todos os artistas. “Tanto na vida quanto na pintura,

posso efetivamente privar-me de Deus. Mas não consigo, eu, sofredor que sou, me privar de algo que é maior do que eu, que é a minha vida, o poder de criar. [Parte IV, Revolta e Arte]

[2] “[...] nenhuma arte pode viver da recusa total. Assim como todo pensamento, a começar pelo não da significação, significa, não há igualmente arte do não sentido. O homem pode permitir-se à denúncia da justiça total do mundo e reivindicar uma justiça total que ele será o único a criar. Mas ele não pode afirmar a feiura total do mundo. Para criar a beleza, ele deve ao mesmo tempo recusar o real e exaltar alguns de seus aspectos. A arte contesta o real, mas não se esquiva dele.” [Parte IV, Revolta e Arte]

3. O futuro da tragédia, 1955. / Trad. Clóvis Marques.

“Sem pretender resolver um problema ante o qual tantas inteligências hesitam, podemos pelo menos proceder por comparação e tentar descobrir, por exemplo, no que a tragédia difere do drama ou do melodrama. E a diferença parece-me ser a seguinte: as forças que se defrontam na tragédia são

igualmente legítimas, estão igualmente munidas de razão. No melodrama ou no drama, pelo contrário, só uma é legítima. Em outras palavras, a tragédia é ambígua; o drama, simplista. Naquela, cada força é ao mesmo tempo boa e má. Neste, uma das forças é o bem, a outra, o mal [...] Antígona

tem razão, mas Creonte não está errado. Da mesma maneira, Prometeu é o ao mesmo tempo justo e injusto, e Zeus, que o oprime sem piedade, também está no seu direito. A fórmula do melodrama, em suma, seria: “Só um é justo e justificável”, e a fórmula trágica por excelência: Todos são justificáveis, ninguém é justo”. Por isso o coro das tragédias dá principalmente conselhos de prudência. Pois sabe que, dentro de certos limites, todo mundo tem

razão e aquele que, por cegueira ou paixão, ignora esses limites está correndo rumo à catástrofe para impor um direito de que se julga o único detentor.

Portanto, o tema constante da tragédia antiga é o limite que não deve ser ultrapassado. De ambos os lados desse limite estão forças igualmente legítimas num confronto vibrante e contínuo. Enganar-se quanto a esse limite, querer romper esse equilíbrio é perecer. [Ed. Record, 2024, p. 260]

4. Conferência na Universidade de Uppsala, 1957. / Trad. Clóvis Marques.

[1] Os escritores de hoje sabem disso. Se falam, são criticados e atacados. Se, tornando-se reservados, se calam, só lhe falarão do seu silêncio, para incriminá-los ruidosamente.

Em meio a todo esse alarido, o escritor já não pode ter a expectativa de se manter à parte, para prosseguir nas reflexões e imagens que lhe são caras. Até agora, e na medida do possível, a abstenção sempre foi praticável na história. Aquele que não aprovasse sempre podia se calar ou falar de outra coisa. Hoje, tudo mudou, até o silêncio se reveste de sentido assustador. A partir do momento em que a própria abstenção é considerada uma escolha, punida ou louvada como tal, o artista, queira ou não, está

escalado. Escalado aqui me parece mais justo que engajado. Com efeito, não se trata de um engajamento voluntário do artista, mas de um serviço militar obrigatório. [Ed. Record, 2024, p. 346-347]

[2] A sociedade dos comerciantes pode se definir como uma sociedade em que as coisas desaparecem para dar lugar aos signos. A classe dirigente que já não mede sua fortuna pelas extensões de terra ou pelos lingotes de ouro, mas pelo número de algarismos idealmente correspondentes a certo número de operações de câmbio, devota-se a colocar certo tipo de mistificação no cerne da sua experiência e do seu universo. Uma sociedade baseada em

signos é, em essência, uma sociedade artificial em que a verdade carnal do homem é mistificada [...] Desse modo, o que haverá de espantoso no fato de essa sociedade não ter solicitado à arte que fosse um instrumento de libertação, em vez de um exercício sem maiores consequências?” [p. 351-352]

[3] Os fabricantes de arte (eu ainda não disse os artistas) da Europa burguesa, antes e depois de 1900, aceitaram, assim, não assumir responsabilidade, pois a responsabilidade pressupunha uma ruptura desgastante com a sociedade. [...] É dessa época que data a teoria da arte pela arte, que nada mais é do que a reivindicação dessa ausência de responsabilidade. A arte pela arte, divertimento de um artista solitário, é justamente a arte artificial de uma sociedade fictícia e abstrata. Sua consumação lógica é a arte dos salões ou a arte puramente formal que se nutre de preciosismos e abstrações e acaba na destruição da realidade. [p. 353]

[4] Aos poucos, o artista, mesmo muito festejado, está sozinho, ou pelo menos só é conhecido de sua nação por intermédio da grande imprensa ou do rádio, que dele oferecerão uma ideia cômoda e simplificada. Quanto mais a arte se especializa, mais

necessária se torna a divulgação. Milhões de pessoas terão, então, a sensação de conhecer este ou aquele grande artista do nosso tempo porque ficaram sabendo pelos jornais que ele cria cenários ou que seus casamentos nunca duram mais de seis meses. O auge da celebridade, hoje, consiste em ser admirado ou detestado sem ter sido lido. [p. 353]

[5] Podemos dizer que até às vésperas da Revolução Francesa, a literatura praticada era, grosso modo, uma literatura de consentimento. A partir do momento em que a sociedade burguesa derivada da revolução se estabiliza, desenvolve-se, pelo contrário, uma literatura de revolta. Os valores oficiais são então negados. [...] essa rejeição, mantida por muito tempo enrijecida, também se tornou factícia, levando a outro tipo de esterilidade. O tema do poeta maldito, nascido numa sociedade mercantil [...] petrificou-se num preconceito que acaba dando a entender que só pode ser grande artista quem se opõe À sociedade do seu tempo, seja ela qual for. [...] E, assim, muitos dos nossos artistas aspiram a ser malditos, têm a consciência pesada por não serem malditos e desejam, ao mesmo tempo, aplausos e vaias. Naturalmente, a sociedade, hoje cansada ou indiferente, só aplaude e vaia por acaso. [p. 354-355]